

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
UFMG

LUCIANITA MORAES CAMPOS PEREIRA

MÚSICA PARA MEUS OLHOS

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2017

LUCIANITA MORAES CAMPOS PEREIRA

MÚSICA PARA MEUS OLHOS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado do curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais com habilitação em Pintura.

Orientadora: Professora Doutora Christiana Quady Firmato Brant

BELO HORIZONTE

2017

*Aos meus grandes amores, Carlos, Rafael e Luciana.
À minha mãe, Maria (in memoriam), por seu amor e generosidade sem limites.*

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, tão especialmente cuidada e protegida,

À minha família pelo apoio e paciência, e, em especial, à minha filha Luciana, pelo incentivo, dedicação e apoio incondicional.

Aos meus amigos pela torcida.

A minha Orientadora, Professora Christiana Quady, pelo carinho e generosidade.

A todos os professores e professoras que dividiram comigo o seu saber.

A Professora Eliana Ambrósio, pela ajuda e por acalmar minha aflição.

À Escola de Belas Artes, pelo acolhimento.

À Universidade Federal de Minas Gerais, pela oportunidade.

“O homem que não possui a música em si mesmo, Aquele a quem não emociona a suave harmonia dos sons, Está maduro para a traição, o roubo, a perfídia: Sua inteligência é morna como a noite, Suas aspirações sombrias como Erebo. Desconfia de tal homem! Escuta a música.”¹ (Shakespeare apud Kandinsky).

1 KANDINSKY, Wassily. Do Espiritual na Arte (e na pintura em particular). São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 73.

RESUMO

Este trabalho refere-se ao meu processo de pesquisa e criação ao longo do curso de Artes Visuais com habilitação em Pintura. Falo primeiramente dos aspectos estratégicos com o aprendizado de várias técnicas importantes para o meu desenvolvimento dentro dos ateliês. A partir disto, tendo a intuição musical como fonte de inspiração, apresento as várias experimentações executadas como forma de aplicação destes conhecimentos adquiridos. É também o registro de uma rotina intensa de trabalho, de reflexões, questionamentos e algumas conclusões.

Palavras chave: Arte – Pintura – Cor – Música – Geometria – Abstração

LISTA DE IMAGENS

F1: Lucianita Moraes - Exercício I – Giz de cera sobre papel – BH - 2013

F2: Lucianita Moraes - Exercício II – Giz de cera sobre papel – BH - 2013

F3: Lucianita Moraes - Barco – têmpera vinílica sobre papel – BH - 2014

F4: Lucianita Moraes - Pintura Rupestre – acrílica sobre tela – BH - 2014.

F5: Lucianita Moraes - Sonho – acrílica sobre tela – BH - 2014.

F6: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2014.

F7: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2015.

F8: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2015.

F9: Lucianita Moraes - s/ título – Óleo sobre tela – BH - 2014

F10: Lucianita Moraes - s/ título – Óleo sobre tela – BH - 2014

F11: Lucianita Moraes - Autorretrato – Encáustica quente s/ madeira – BH - 2014

F12: Lucianita Moraes - Violinos - acrílica sobre metal – BH - 2015

F13: Lucianita Moraes - Violino II - acrílica sobre tela – BH - 2015

F14: Lucianita Moraes - Bombo – acrílica sobre tela – BH - 2015

F15: Lucianita Moraes - Prato - acrílica sobre tela – BH - 2015

F16: Lucianita Moraes - Piano - acrílica sobre tela – BH - 2015

F17: Lucianita Moraes - Harpa - acrílica sobre tela – BH - 2015

F18: Lucianita Moraes - acrílica sobre tela – BH - 2015

F19: Lucianita Moraes - Violoncelo – acrílica sobre tela – BH - 2015

F20: Lucianita Moraes - Bailarina - acrílica sobre tela – BH - 2016

F21: Lucianita Moraes - Xilofone – acrílica sobre tela – BH - 2016

F22: Lucianita Moraes - Caixa - acrílica/têmpera com minério de Ferro sobre tela – BH - 2016

F23: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica/têmpera com minério de Ferro sobre tela – BH - 2016

F24: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica/têmpera com minério de Ferro sobre tela – BH - 2016

F25: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2016

F26: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2016

F27: Lucianita Moraes - s/ título - acrílica/têmpera com minério de Ferro sobre tela – BH - 2016

F28: Lucianita Moraes - Estudos - acrílica sobre papelão – BH - 2017

F29: Lucianita Moraes - Estudos – colagens sobre papel – BH - 2017

F30: Lucianita Moraes - Estudo – colagens sobre papel – BH - 2017

F31: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2017

F32: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2017

F33: Lucianita Moraes - s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017

F34: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2017

F35: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017

F36: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017

F37: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017

F38: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017

F39: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017

F40: Lucianita Moraes – s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2017

F41: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017

F42: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017

SUMÁRIO

1	O Ensaio	19
1.1	Técnicas Como Instrumento	22
2	O caminho	29
2.1	A Cor Não Será o Limite	29
2.2	Ouvindo Formas – Ateliê I	29
2.3	Inquietudes	39
2.4	Novas Formas para o Som – Ateliê II	41
2.5	Mudança de Pauta – Ateliê III	46
2.6	Um Som Geométrico – Ateliê IV	58
3	O Fim do Começo	67
	Referências	69

MÚSICA PARA MEUS OLHOS

1 O ENSAIO

O começo do trajeto pelo curso de Artes Visuais foi tomado por muita expectativa e ansiedade. As perspectivas eram muitas e a inibição ainda maior. O medo, a autocrítica aguçada e um novo começo, sem sombra de dúvida, foram fortes o suficiente para limitar o meu processo de criação. Apesar disso, a crença de que a escola é um lugar de aprendizado e experimentação, tratou logo de transformar o medo em energia produtiva.

Oriunda de um mundo bem diferente, marcado pela rigidez de regras, convenções e uma burocracia estrutural, o desprendimento de toda esta regulação não tem sido fácil. Mas é, ao mesmo tempo, consideravelmente saudável. Pedir licença à lógica e à razão para ceder lugar ao sentimento e à emoção é algo que pertence ao mundo das artes. Assim, uma das batalhas a serem vencidas, seria o desapego do estereótipo da perfeição incrustada em mim desde as primeiras lições.

A cada dia, um grande e silencioso inimigo, o medo – este gigante - teve que ser combatido! Mas era preciso sair da minha zona de conforto e arriscar. E, como em um mantra, repeti inúmeras vezes: Vai e se joga! Aqui é o seu lugar!

Os ensaios que precederam os Ateliês de pintura foram bases importantes para minha formação crítica e técnica. Conhecer a trajetória que as manifestações estéticas percorreram ao longo da história do mundo, desvendou o fascinante caminho das artes.

Os exercícios práticos propostos eram desafios que, ao final, proporcionaram grande satisfação e crescimento. Era preciso afiar a percepção para validar a emoção no mundo visual. As fig. 1 e 2 são alguns dos exemplos.



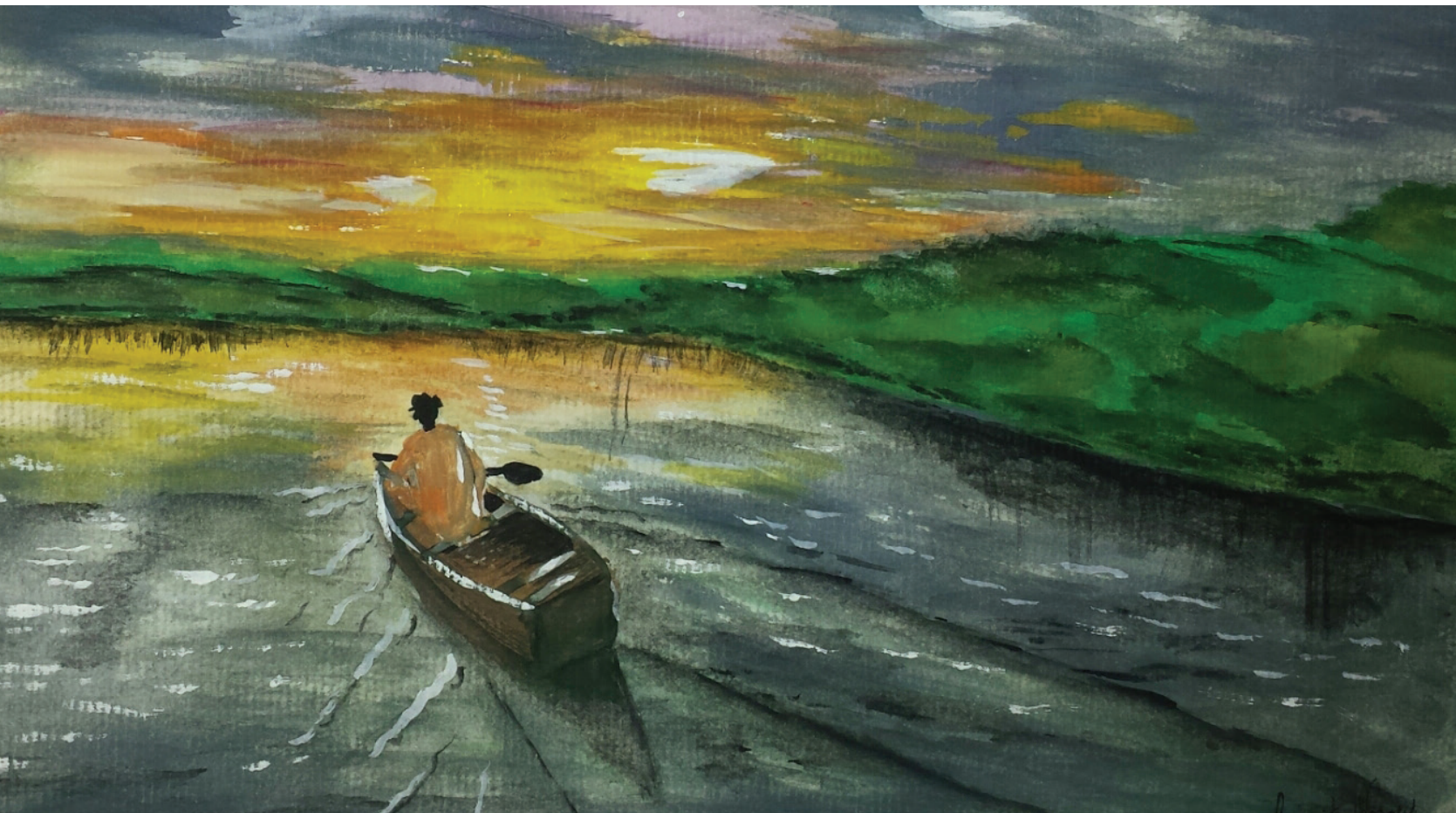
F1: Lucianita Moraes - Exercício I – Giz de cera sobre papel – BH - 2013



F2: Lucianita Moraes - Exercício II – Giz de cera sobre papel – BH - 2013

1.1 TÉCNICAS COMO INSTRUMENTOS

Aprender novas maneiras de alimentar a intuição daria a essa jornada ares de aventura. A fig. 3 mostra a aplicação da têmpera vinílica.



F3: Lucianita Moraes - Barco – têmpera vinílica sobre papel – BH - 2014

Aprender a produzir a própria tinta foi mais uma experiência que se agregou à minha bagagem instrumental: o trabalho poderia ser feito com tintas de minha produção. A princípio a têmpera vinílica não me deu boas respostas, mas persisti e conclui que encontrar o caminho do coração seria a melhor solução.

O uso da tinta acrílica era completamente novo para mim e suas cores fortes me entusiasmaram. A sua secagem rápida era temerosa com a demora na execução, mas com coragem dei o primeiro passo (Fig. 4).



F4: Lucianita Moraes - Pintura Rupestre – acrílica sobre tela – BH - 2014.

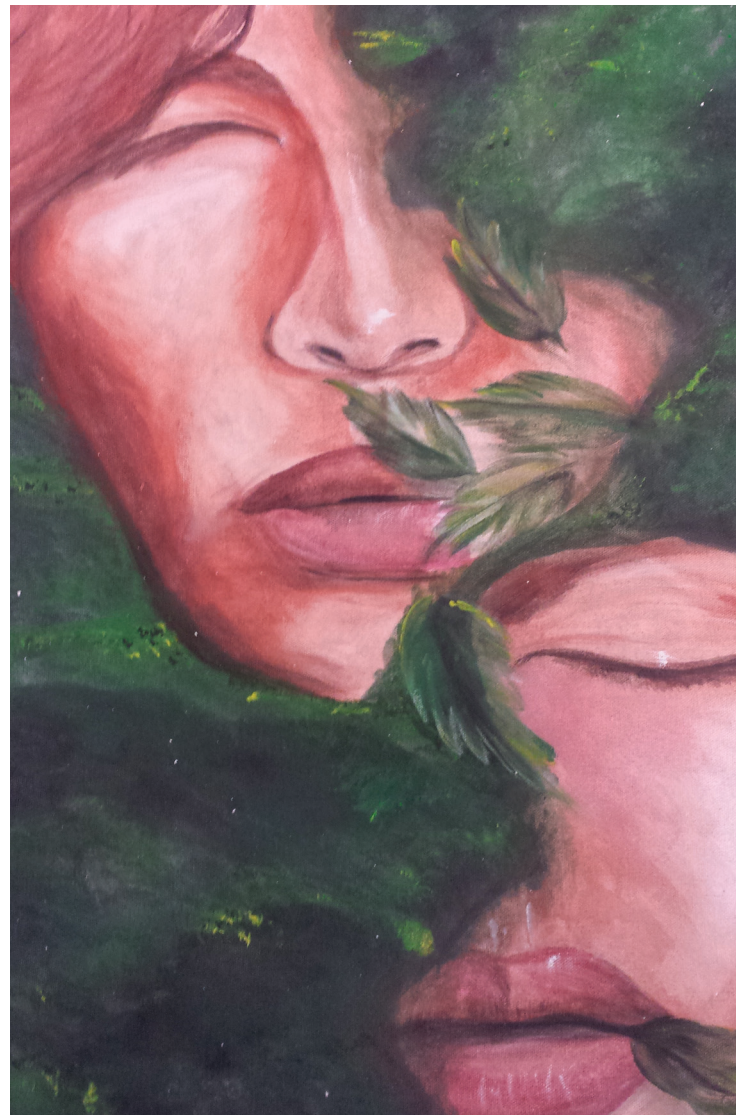
A partir dessa primeira experiência fiz outros trabalhos (fig. 5, 6, 7 e 8), buscando entender, aprimorar e resolver os problemas que surgiam. A rapidez na secagem, que a princípio me causou temor, tornou-se motivo de prazer, na medida em que me fazia descobrir maneiras de romper com esta dificuldade.



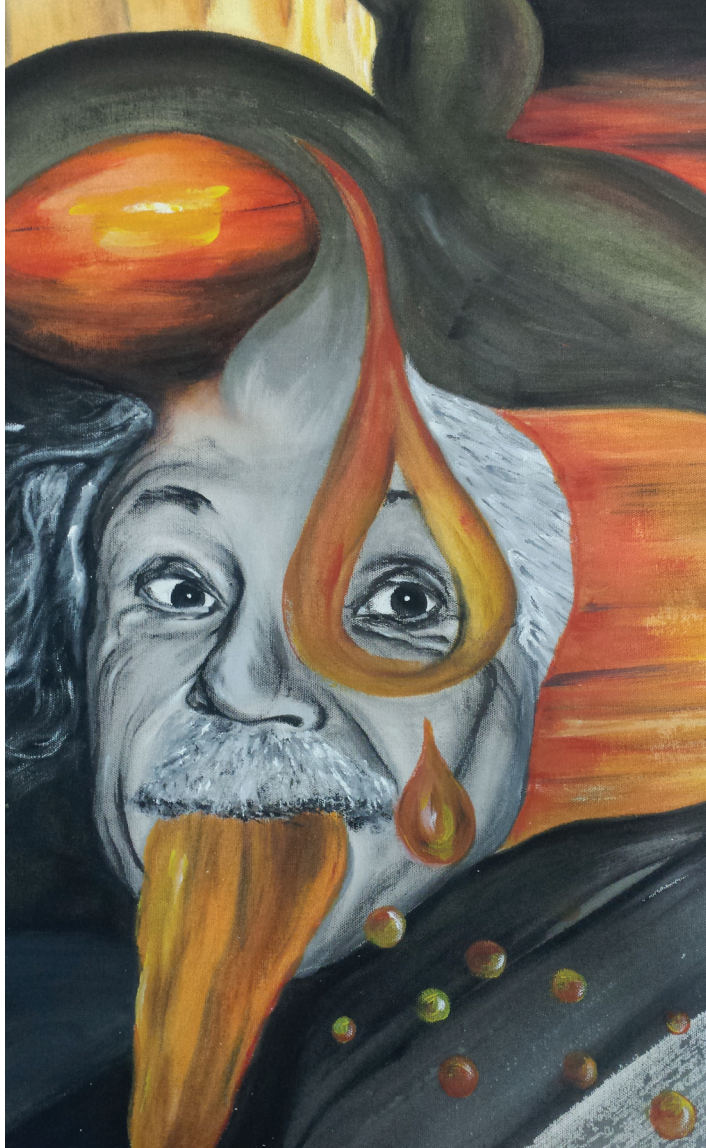
F5: Lucianita Moraes - Sonho – acrílica sobre tela – BH - 2014.



F6: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2014.



F7: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2015.



F8: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2015.

Assim, continuei buscando no trabalho, experiência e qualidade técnica que pudessem ser, no futuro, coadjuvantes na construção do meu repertório artístico com a pintura.

A técnica de pintura a óleo aumentou também minhas ferramentas para o trabalho. De secagem

mais lenta, ela possibilita a execução de um trabalho em um prazo maior, abrindo espaço para correções, modificações, inclusões e exclusões que se fizerem necessárias ao longo do processo.

As fig. 9 e 10 são exemplos dos primeiros exercícios práticos com esta técnica.



F9: Lucianita Moraes - s/ título – Óleo sobre tela – BH - 2014



F10: Lucianita Moraes - s/ título – Óleo sobre tela – BH - 2014

As experimentações continuaram e cada vez mais descobria possibilidades diferentes no fazer artístico. A encáustica foi outra técnica que se somou aos meus conhecimentos. Ela consiste no uso de cera de abelha como aglutinador de pigmento, muito utilizada por sua grande resistência. Esse método se mostrou diferente e bastante desafiador para mim. O depósito de camadas de tinta sobrepostas confere ao trabalho uma textura rugosa e bem interessante (Fig. 11)



F11: Lucianita Moraes - Autorretrato – Encáustica quente s/ madeira – BH - 2014

Outras experiências ainda vieram para enriquecer e compor a minha bagagem, a princípio, empobrecida. Explorar as cores através do guache, construir imagens com a têmpera a ovo, trazer imagens à luz pela beleza da aquarela, foram outros momentos especiais na busca de um repertório técnico consistente, que pudesse ser parceiro de idéias e emoções no trabalho.

2 O CAMINHO

2.1 A COR NÃO SERÁ O LIMITE

Conhecia pouco sobre o disco cromático. Uma conversa com a professora Christiana Quady sobre escala tonal desvendou o caminho das pedras. A dificuldade no reconhecimento de certas cores, por vezes, me fez tropeçar. Recém diagnosticada como portadora de ceratocone, problema com características de afinamento da córnea, o que leva à diminuição da acuidade visual com distorção das cores; os meus tropeços eram justificados.

Assim, encontrar um meio de driblar esse descuido da natureza era mais uma batalha a ser vencida. Como remediar isso? O que fazer se a cor rosa para mim insiste em ser vermelha? E se meu verde fosse marrom? Os olhos também são instrumentos de trabalho e eu teria que me esforçar para contornar esta situação: as cores não iriam me parar.

2.2 OUVINDO FORMAS – Ateliê I

Com o início dos trabalhos dentro de um ateliê, o desafio agora era criar um projeto para ser desenvolvido durante o segundo semestre do ano de 2015. Um mundo de possibilidades foi se abrindo pelo caminho e não seria fácil escolher.

Apesar de não ser uma musicista, a música compõe e embala minha trajetória de vida. O despertar na infância com uma canção no rádio, o bandolim e violão nas mãos de minha avó, uma gaita soprada por

um tio, o coral da escola, as aulas de canto, os encontros familiares em torno de um piano e muitas outras oportunidades relacionadas a este universo, construíram em mim uma prazerosa memória musical.

Além disso, uma experiência sinestésica atribuindo forma aos sons regularmente vivida por mim, trouxe a intuição de um projeto de pintura situado neste contexto. Assim, planejei uma série de pinturas focadas nos instrumentos musicais que compõem uma orquestra sinfônica, dando a cada trabalho uma expressão poética que seu som despertava em meu intelecto. O meu objetivo também era relacionar o trabalho às possibilidades que materiais descartados e/ou desfuncionalizados me sugeriam em uma sobrevida estética, abrindo outras tendências de linguagem.

A procura por uma relação entre música e cor é antiga. Newton já havia buscado correspondências entre o espectro das cores e as sete notas musicais.

No livro *Alucinações Musicais*², Oliver Sacks trata de alguns episódios sobre a música e suas relações com o cérebro, descrevendo inúmeros casos de sinestesia. Este fenômeno neurológico consiste na produção de duas sensações de natureza distinta por um único estímulo: assim, um som pode se tornar uma cor ou um aroma, ou pode ter um sabor; ou ainda, um som pode ter uma forma. Francis Galton, segundo Oliver Sacks³, foi o primeiro a sistematizar relatos sobre sinestesia em seu livro *Inquires into human faculty and its development* [Investigações sobre a capacidade humana e seu desenvolvimento], publicado em 1883.

Baseada nestas informações que sustentam minha experiência sensorial, passei a investigar especificamente os sons de alguns instrumentos musicais. Desta forma, minha intuição musical me ajudaria no processo criativo, pois o que ouço é estimulado pelas sensações visuais que me acometem. Como relata Sue B. (uma das pacientes de Sacks): “Sempre vejo imagens quando ouço música, mas não associo cores específicas a determinados tons ou intervalos musicais.”⁴

Com o objetivo de experimentar a transposição das minhas sensações auditivas para uma configuração pictórica que expressasse esta emoção visual sobre telas e suportes não convencionais, selecionei a tinta acrílica por sua agilidade.

2 SACKS, Oliver. *Alucinações Musicais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

3 SACKS, Oliver. *Alucinações Musicais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 177 – 178.

4 SACKS, Oliver. *Alucinações Musicais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, Pp. 189.

Violinos, violas, violoncelos, contrabaixo, piano, harpa, flauta, clarinete, fagote, oboé, trompa, trompete, tuba, tímpano, marimba, xilofone, vibra fone, matalofone, carrilhão de orquestra, bombo sinfônico, pratos, triângulo, caixa clara e pandeiro teriam seus sons vibrando

em cores e ritmos sobre a superfície escolhida para minhas pinturas formando uma orquestra de possibilidades visuais.

Além disso, usando materiais cuja função primária já havia sido cumprida como suporte, também pretendia sugerir que o excesso de lixo produzido pela alta contemporaneidade, poderia ser transformado, ganhando contornos especiais no mundo da arte e na coletividade. Para mim, no material desprezado pela sociedade de consumo residem possibilidades plásticas interessantes e sua utilização sugere reflexões importantes para todos.

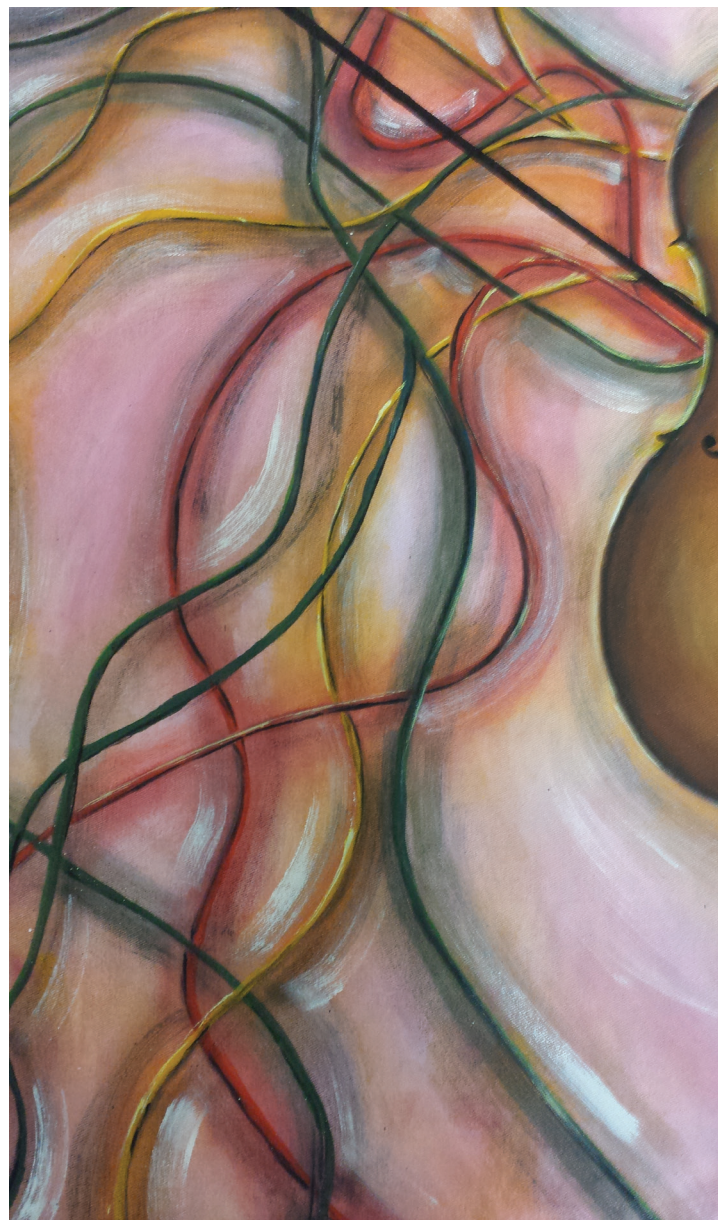
Testei então, sobre uma placa metálica de computador descartada, minha primeira audição, um instrumento de cordas, o violino (Fig. 12).



F12: Lucianita Moraes - Violinos - acrílica sobre metal – BH – 2015

Baseado nos funcionamentos do Cubismo de *reformatar* a representação, o tema desenvolvido nesta pintura seguiu a tentativa de simplificação. Com a utilização de linhas e curvas, os ângulos mais característicos do instrumento foram traçados sem a preocupação de grande fidelidade ao objeto. O ritmo das pinceladas seguiu o ritmo dos contornos da imagem que, por sua vez, lembravam as variações dos sons emitidos por este instrumento. Os fios traçados por fora da imagem colocavam em evidência as cordas como elemento essencial deste instrumento musical. Sem elas, ele perderia sua função. Sobre a placa de metal, a tinta acrílica foi minha parceira. Uma composição de cores que remetem à cor da madeira do corpo do violino: preto, branco, amarelo, terra de siena queimada, terra de siena natural, siena tostada, bronze e cobre. O amarelo e um pouco de branco foram usados para clarear e o preto para reforçar os contornos e dar algum movimento à imagem do objeto. Controlar o pincel sobre a superfície lisa e aprender o tempo certo de secagem foi desafiador e a solução foi paciência. (Lições, muitas lições!).

Identificar claramente o instrumento musical não era o meu objetivo. Meu interesse era transcrever a sensação sonora representada por ele para a impressão visual. Tateando, a busca continuou e deu origem a imagem da fig. 13. Aqui, o elemento essencial ficou em foco, o som e a pintura sobre tela ganharam outros contornos de cores e formas.



F13: Lucianita Moraes - Violino II - acrílica sobre tela – BH - 2015

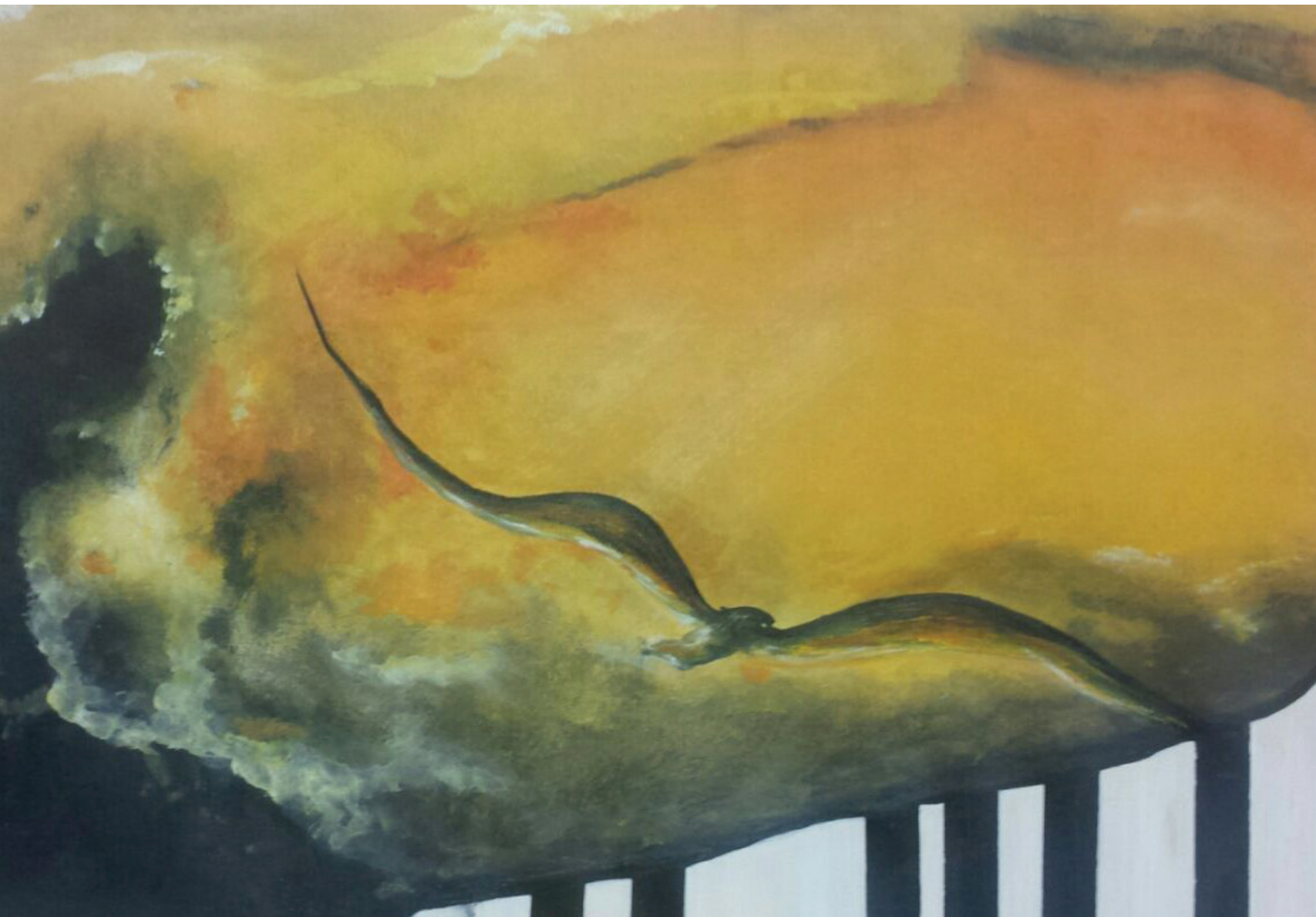
Dando seqüência à pesquisa proposta, continuei trabalhando com minhas sensações sonoras registradas nas fig. 14, 15, 16, 17, 18 e 19.



F14: Lucianita Moraes - Bombo – acrílica sobre tela – BH - 2015



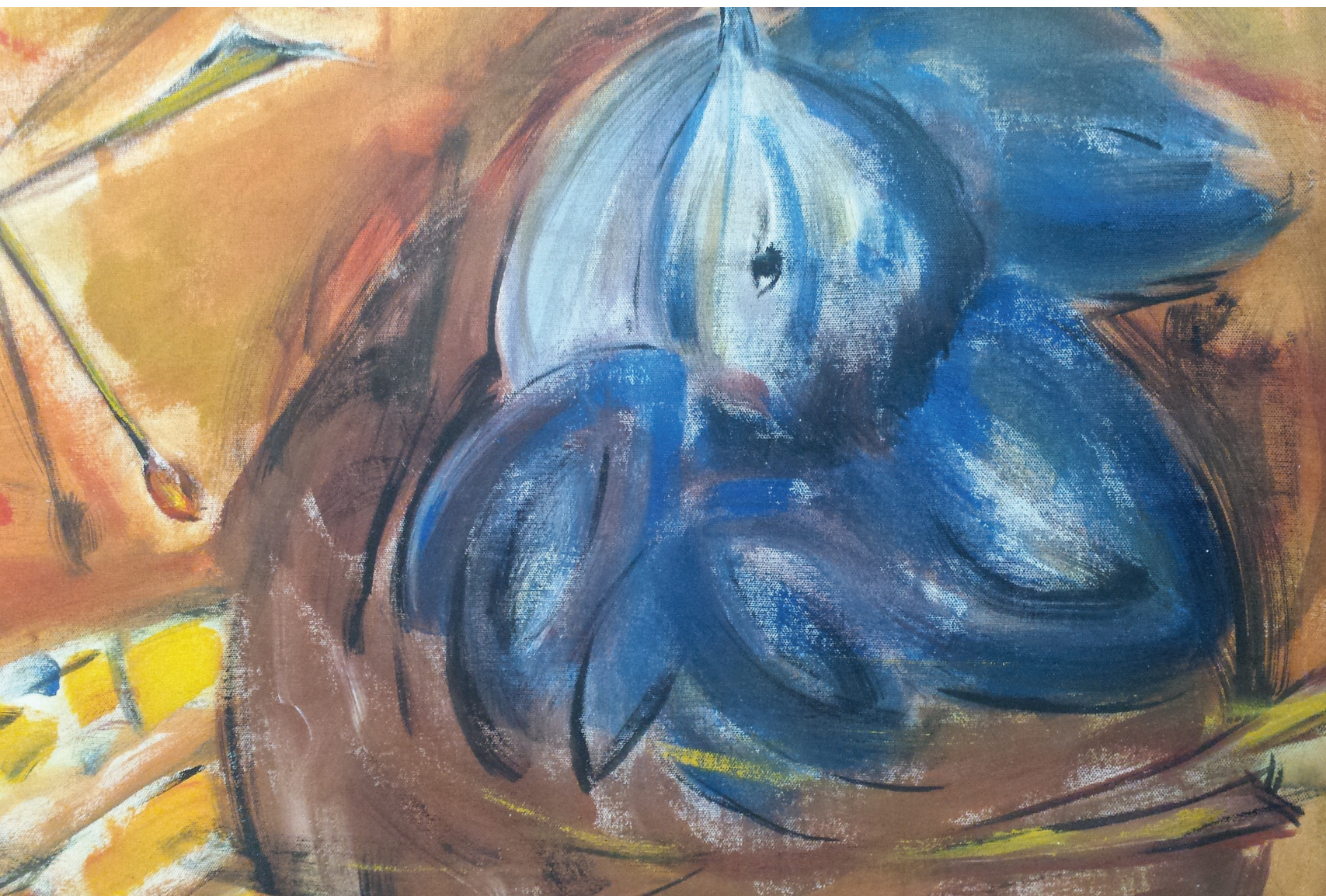
F15: Lucianita Moraes - Prato - acrílica sobre tela – BH - 2015



F16: Lucianita Moraes - Piano - acrílica sobre tela – BH - 2015



F17: Lucianita Moraes - Harpa - acrílica sobre tela – BH - 2015



F18: Lucianita Moraes - acrílica sobre tela – BH - 2015



F19: Lucianita Moraes - Violoncelo – acrílica sobre tela – BH - 2015

Durante esse trabalho, muitas questões foram surgindo. O que se passa no cérebro ao ouvirmos música? Qual o poder que a música exerce sobre nós? Como a música pode induzir nosso estado emocional que, de outra forma, seria ignorado pela mente? Como a música pode evocar memórias supostamente perdidas? Qual a importância disto para a arte? Essas indagações ainda percorrem o meu pensamento, pois não encontrei, ainda, respostas. Entretanto, sinto que a música exerce de alguma forma, grande influência sobre os seres vivos e que ela tem sido o embalo de meus movimentos na vida.

A proposta de usar a tinta acrílica se manteve e cada vez mais eu senti sua praticidade. A dificuldade inicial para fazer a transposição de cores, aos poucos foi sendo substituída pela descoberta de novas maneiras de manejo e aplicação. O uso da tela prevaleceu. Os suportes desfuncionalizados ficaram prejudicados pela dificuldade em encontrar suportes adequados para esse projeto específico.

Na medida em que o trabalho prosseguia, fatos novos surgiram. A pintura começou a me falar. A presença de parte da imagem do instrumento cujo som estava sendo representado me incomodou ainda mais. O meu trabalho estava sinalizando uma nova direção com a apropriação apenas das sensações sonoras. Ele caminhava rumo à abstração. Apesar disso, decidi levar a primeira proposta até o seu final, pois queria ver o conjunto materializado.

Nesse caso, todas as representações partiram da audição isolada de um instrumento específico. Penso que as sensações sonoras captadas foram materializadas e transpostas para a tela.

Salvo engano, acreditei que conduzia meu trabalho como proprietária autônoma e soberana de sua metodologia. Entretanto, por si mesma a pintura foi ganhando vida e dominando o caminho para sua execução. Ficou, então, claro que somos *instrumentos* a serviço das tintas e pincéis, somos veículos da arte!

Decidida a desprezar a presença do objeto, uma aproximação com o gesto era inevitável. A meu ver, uma fluidez de movimentos manuais e corporais seria necessária para aproximar minhas emoções sonoras do campo visual sobre a tela. Como dar sentido a ele para os olhos?

Acreditei que era possível dar sentido visual para aquilo que ouvia, pois de alguma forma a existência do som era real. Lembrei-me então do que Kandinsky falou: “Assim, fica evidente o parentesco entre a música e a pintura. A música organiza os seus meios no tempo e a pintura no plano, mas o tempo e o plano se medem

exatamente pela mesma intuição.”⁵

Desta forma, intuitivamente daria continuidade ao meu projeto sonoro. O segundo semestre do ano de 2015 se encerrou deixando lições aprendidas e novas inquietações.

2.3 INQUIETUDES

O trabalho e a pesquisa aguçaram meu pensamento levantando algumas reflexões importantes. Dentre elas a construção realista na contemporaneidade e as consequências do referencial imagético sobre o meu trabalho ganharam relevância.

Minha primeira reflexão diz respeito ao realismo. A reprodução natural e realista das imagens, em minha opinião, traz um valor inestimável para a arte apesar do advento da fotografia, que acabou subvertendo a ordem até então estabelecida. Essa ruptura trouxe um deslocamento estrutural para a pintura, ditando um novo conceito sobre formas, cores e texturas, que passaram a ter uma predicação mais emocional. Expressar um conteúdo mental através do qual o espectador possa se indagar e se motivar passou a ser o que principalmente dá vida a arte na pós-Modernidade.

Assim, encontrar uma poética para o meu trabalho tornou-se um desafio. Para me inserir na nova ordem, seria preciso trazer à tona algo dos meus movimentos interiores, minhas alegrias e tristezas, meu bem e meu mal. Corpo e alma deveriam estar interligados na ação de levar às minhas mãos as emoções mais profundas. O tempo e a solidão seriam coadjuvantes nesse processo de introspecção artística, mas certamente não seria uma tarefa fácil me situar neste universo de possibilidades.

A segunda questão, diz respeito às referências. Durante o meu percurso com a pintura muitos outros artistas foram a mim apresentados e sugeridos como fonte de diálogo para o trabalho. A boa escola indica que conhecer muitas obras e seus autores, situados em seus próprios contextos, é positivo principalmente na revelação de que cada um tende a refletir seu cotidiano como registro de seu tempo naquilo que faz. Esse processo nos dá pistas sobre como algumas coisas podem acontecer. É o sinal de que meu trabalho

5 KANDINSKY, Wassily. Do Espiritual na Arte (e na pintura em particular). São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 255.

provavelmente refletirá as emoções dos tempos atuais. Entretanto, uma dúvida persistiu: a busca por referências em artistas já consagrados não exerceria uma influência negativa sobre meu próprio trabalho, tirando dele a originalidade? Por que as referências são necessárias se, como artista, anseio desenvolver um trabalho autoral original? Ser original é muito difícil nos dias atuais!

Essas considerações foram temas de meus pensamentos durante algum tempo até que, entre investigações e conversas, percebi que havia um equívoco na minha maneira de pensar. Refletindo sobre esse aspecto, o professor Eugênio Tadeu Pereira, da Escola de Belas Artes da UFMG, em uma conversa sobre esse tema, me relatou o seguinte:

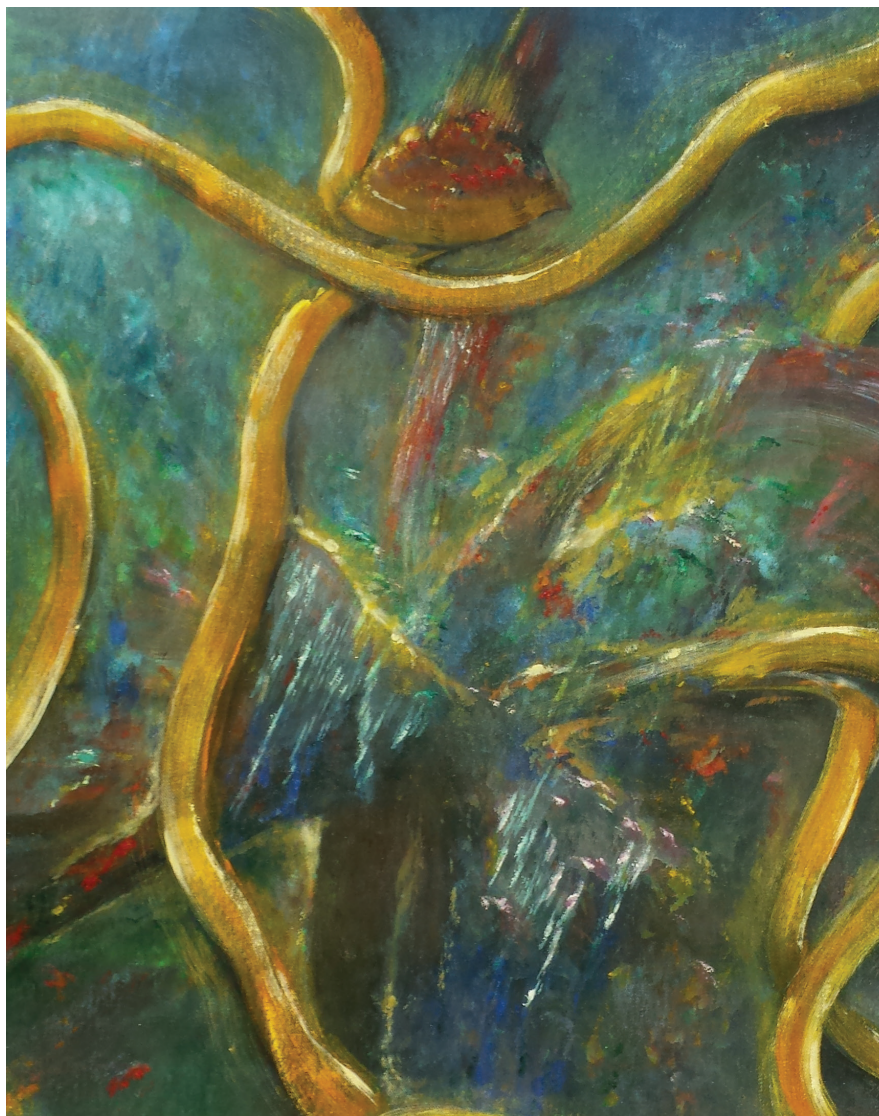
“Uma vez, eu li no jornal Estado de Minas, anos atrás, uma entrevista com o Amílcar de Castro. Nela, ele dizia que em arte não se busca a novidade, mas a originalidade, uma vez que a originalidade tem a ver com a origem e tudo que está em sua origem é original e, por conseguinte, terá algo de novo. Quem fica buscando a novidade cai na mera repetição. Eu complemento que isto tem a ver com a singularidade da pessoa em relação às suas referências, daí a repetição tem outro sentido (Informação verbal)¹.”

Quando falava em originalidade, na verdade, pensava em novidade. Inventar a roda não dá mais! Se ainda fosse possível, talvez a influência de outros artistas fosse prejudicial.

Assim, concluí que a originalidade do meu trabalho não ficaria comprometida ao estudar artistas de todas as épocas e lugares. Conhecê-los só poderia aumentar minha bagagem de conhecimentos, contribuindo com minha pesquisa na busca por um trabalho autoral. Tudo isto porque a originalidade do trabalho está contida no íntimo de cada autor. Se sua gênese é resultado de um mergulho introspectivo em mim mesma, impossível não ser original.

2.4 NOVAS FORMAS PARA O SOM – Ateliê II

Com o propósito de prosseguir com o projeto sinestésico/musical, precisava encontrar uma solução plástica que permitisse transpor as emoções que cada som me sugeria para uma realidade imagética, pois a operação que meu intelecto executava não residia no campo visual. Desta maneira, a importância do gesto foi ganhando força e dando fluidez às composições nessa direção. (Fig. 20 e 21).



F20: Lucianita Moraes - Bailarina - acrílica sobre tela – BH - 2016



F21: Lucianita Moraes - Xilofone –
acrílica sobre tela – BH - 2016

Neste momento, novas reflexões surgiram. Lembrando as ideias de Paul Klee sobre abstração, Argan diz:

“Ilustrador de idéias, e não de idéias abstratas, mas das imagens que, remontando do profundo, das próprias raízes da existência, se clarificam na consciência e se tornam os moventes do agir cotidiano, enfim, das idéias que acompanham a vida dia após dia e formam o mundo “não visível” no qual nos movemos.”⁶

Baseada nisso, talvez eu ainda não tivesse realizado abstrações, mas, como Paul Klee, ilustrações de idéias, que no meu caso, brotavam da audição de sons que formam imagens no meu inconsciente, prontas para serem impressas no mundo visível.

Entretanto, a pesquisa continuou e a participação em uma disciplina chamada “Estruturas do Fazer” deu força ao meu projeto, na medida em que aprendi a extrair e preparar pigmentos retirados da natureza em seu curso. Nas fig. 22, 23 e 24 o minério de ferro foi utilizado em alguns dos trabalhos.

F22: Lucianita Moraes - Caixa - acrílica/têmpera com minério de Ferro sobre tela – BH - 2016





F23: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica/têmpera com minério de Ferro sobre tela – BH - 2016



F24: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica/têmpera com minério de Ferro sobre tela – BH - 2016

Assim, os trabalhos tomaram outra direção. Numa fase *mais limpa*, a representação figurativa se distanciou dando lugar a uma manifestação sensível e abstrata, mais aproximada do espiritual. Imagens evocadas do íntimo foram talvez reanimadas pelo som que lhes conferiu um significado e uma forma. A reflexão sobre as manifestações visuais que os sons provocam, indicaram um novo caminho mental. Com relação a isto, Worringer já havia observado:

“Ao longo das civilizações, há momentos em que a força esmagadora dos deuses, assim como seu contrário, a incerteza da existência, sentida como ameaça, desvia o homem do real: com a sensibilidade retida por aquilo que está fora de alcance, a arte tende para a abstração, pois só a forma abstrata pode transcender o real.” ⁷ (Worringer citado por Bonfand).

Se o Abstracionismo, como estilo de arte, retira de sua representação objetos próprios da natureza concreta e usa, em substituição, cores, linhas e superfícies para compor uma realidade não compreensível da forma convencional, o meu trabalho certamente estava caminhando nesta direção.

A musicalidade continuou dando ritmo ao meu processo de investigação deixando cada vez mais a marca de sua presença em minha trajetória de vida.

2.5 MUDANÇA DE PAUTA – Ateliê III

Continuando a jornada sonora, transitei entre realidade e abstração (Fig. 25).



F25: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2016

Esta imagem talvez exponha algum saudosismo da realidade, mas logo em seguida a abstração retoma o terreno (Fig. 26 e 27).



F26: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2016

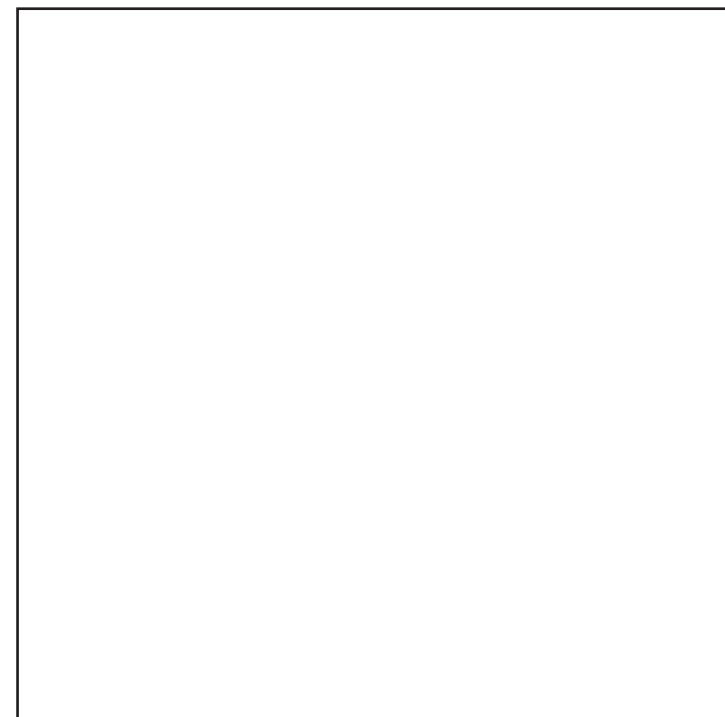


F27: Lucianita Moraes - s/ título - acrílica/têmpera com minério de Ferro sobre tela – BH - 2016

Os trabalhos continuaram de maneira incansável e prazerosa, mas num dado momento, algo novo aconteceu. O ritmo se quebrou e uma apatia constrangedora se fortaleceu. Abocanhada por um túnel estéril, um marasmo improdutivo ocupou todos os espaços deixando apenas uma ansiedade torturante. Teria o prazer de pintar sucumbido? Sobre isto Milton Hatoum escreveu:

“Em alguma manhã você acorda com a pá virada, o dia desanda e quase nada dá certo. O desejo de escrever um parágrafo emperra na página intocada e a última frase, escrita ontem, parece piscar com ironia para essa paralisia persistente da imaginação.”⁸

O sentimento de desânimo diante dessa indolência criativa fica evidente nas palavras de Hatoum e me senti como ele. Como esses dias foram angustiantes! O tempo passava e a motivação para trabalhar não chegava. Foi uma pausa desconcertante. Naquele momento lembrei-me das palavras de Kandinsky⁹ quando disse: “Tela vazia. Na aparência vazia mesmo, guardando o silêncio, indiferente. Quase imbecil. Na realidade: cheia de tensões, com mil vozes baixas, plena de expectativa.”



8 HATOUM, Milton. Em Busca da Inspiração Perdida. Revista Entrelivros (Seção Norte), junho/2005, pp. 26-27.

9 KANDINSKY, Wassily. Do Espiritual na Arte (e na pintura em particular). São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 250.

Sim, a tela estava vazia, mas repleta de tensões! Mas onde estaria a motivação? A inspiração existe mesmo? Por onde andaria? O que fazer para alcançá-la e trazê-la de volta? A palidez da tela roubava meu sossego. Aguardando ansiosa pelo *sopro divino*, o trabalho se estagnou.

Apesar disso, horas e horas improdutivas não foram capazes de neutralizar meu pensamento em busca de respostas. Ainda segundo Hatoum, Charles Baudelaire escreveu:

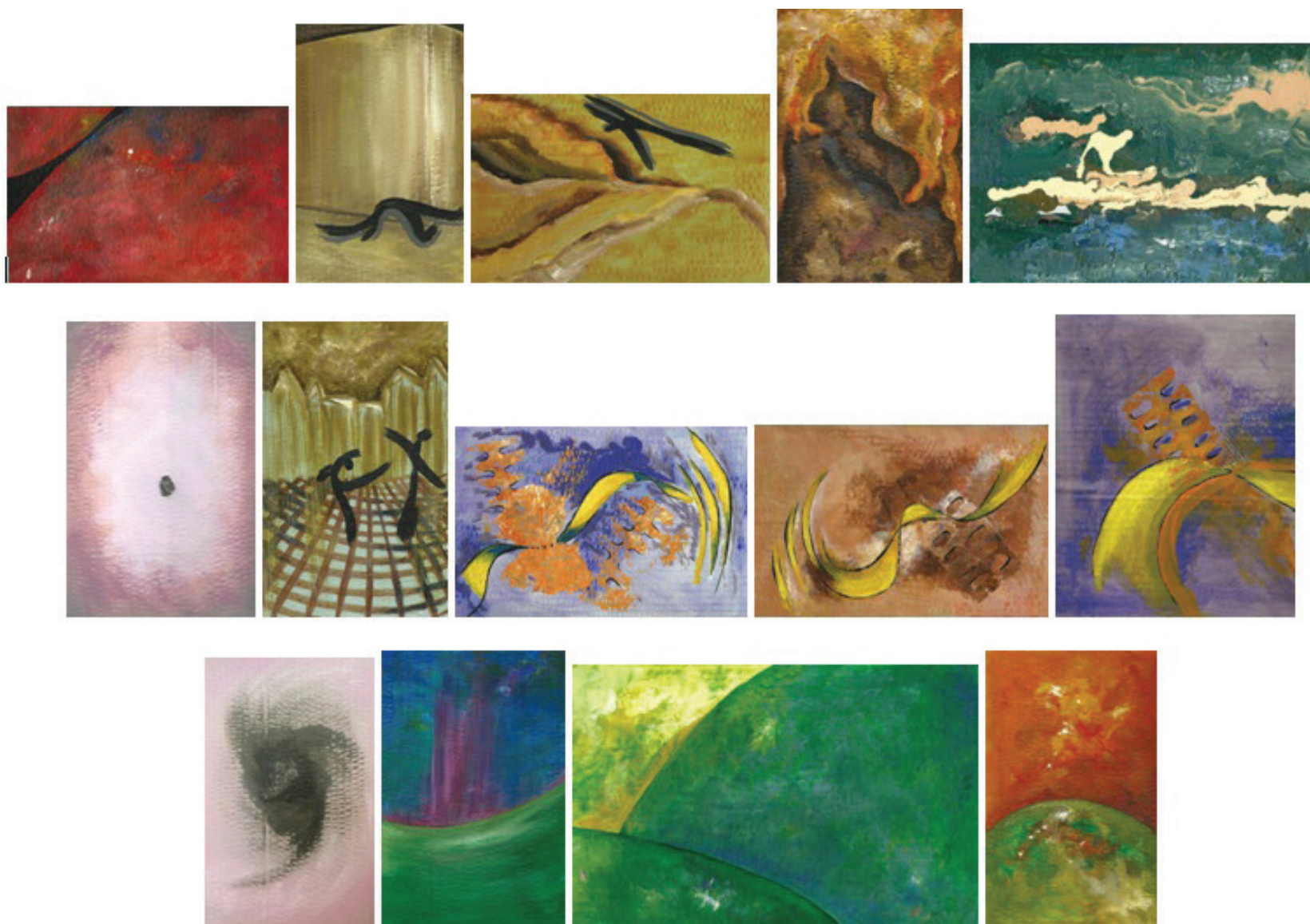
“Há, sem dúvida, no espírito uma espécie de mecânica celeste, de que não é preciso envergonhar-se e sim, tirar o melhor proveito”. Mas a inspiração, diz o grande poeta e crítico, “é irmã do trabalho cotidiano. São dois contrários que não se excluem, como de resto acontece com todas as oposições da natureza”. Ou seja, o sopro criador e a festa da imaginação só fazem sentido com o esforço do pensamento e a convivência obstinada com a palavra.”¹⁰ (Baudelaire apud Milton Hatoum)

Realmente seria preciso um grande esforço para produzir e o *segredo* estava na obstinação e no trabalho.

Deixando de lado qualquer tipo de autocrítica, (que só serviria para embotar pensamentos e ações), precisaria trabalhar. Exercitar corpo e alma, pensando e fazendo, foi um mecanismo eficiente que manteve, sem muitas expectativas, meu intelecto em atividade. Eu só não poderia parar!

Assim, passei a fazer, despretensiosamente, pequenas peças, algumas produzidas com recortes de outros trabalhos que havia feito anteriormente. Entre pinturas sobre papelão (Fig. 28) e colagens sobre papel (Fig. 29 e 30), o trabalho continuou a ser feito. Esta produção seria essencial para retomada da minha trilha perdida.

10 HATOUM, Milton. Em Busca da Inspiração Perdida. Revista Entrelivros (Seção Norte), junho/2005, pp. 26-27.



F28: Lucianita Moraes - Estudos - acrílica sobre papelão – BH - 2017



F29: Lucianita Moraes - Estudos – colagens sobre papel – BH - 2017



F30: Lucianita Moraes - Estudo – colagens sobre papel – BH - 2017

Aos poucos a vontade e coragem de pintar foram retornando e se ajeitando, instaurando uma nova narrativa pictórica. Um impulso de simplificação surgiu por meio da geometrização das imagens obtidas nos exercícios de colagem.

Notei que a complexidade pode discriminar e afastar, ao passo que a simplicidade agrega e tem grandes chances de promover a aproximação. Quando me lembro da importância de ampliar o alcance das artes aos leigos de todas as maneiras, acredito que o começo seria mais eficaz com simplicidade e clareza. Geometricamente, forma, cor e composição podem estabelecer uma relação harmoniosa e sonora para o espectador.

O gosto pela geometria e cores vibrantes presentes na cultura africana, talvez tenha despertado meu desejo. Queria encontrar maneiras de compor forma, cor, luz, movimento e peso na construção plástica das imagens, de maneira que elas transpusessem o seu aspecto exterior e transmitissem suas emoções íntimas ao espectador. Como escreveu W. Kandinsky: “Cada arte é capaz de evocar a natureza. Mas não é imitando-a exteriormente que o conseguirá. Tem de transpor as impressões da natureza em sua realidade íntima mais secreta.”¹¹

Assim, o trabalho continuou e foi dando vida a outra forma de expressão sonora (Fig. 31). Uma nova trajetória foi se estabelecendo. (Fig. 32, 33 e 34).

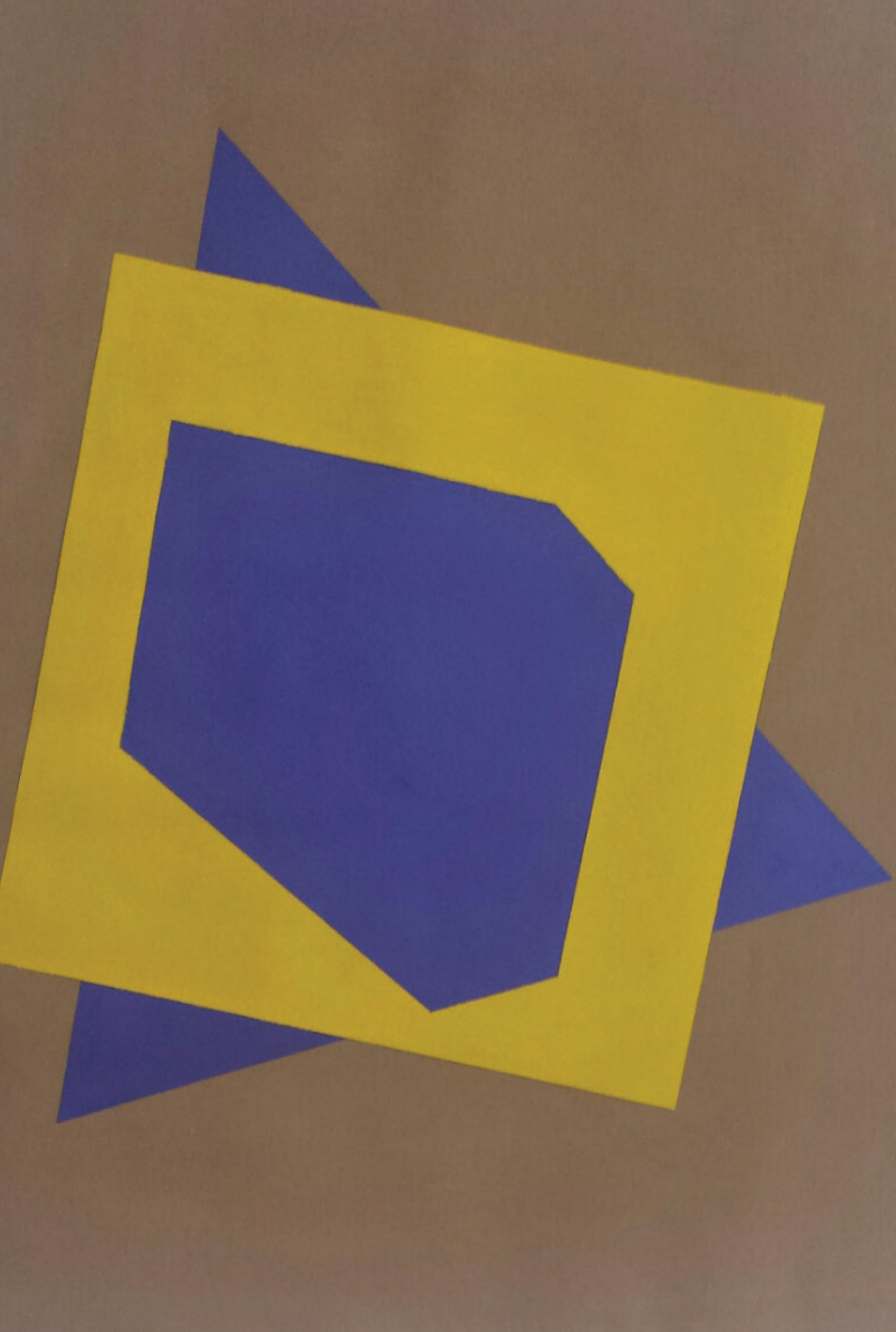


F31: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2017

11 KANDINSKY, Wassily. Do Espiritual na Arte (e na pintura em particular). São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 58.



F32: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2017



F33: Lucianita Moraes - s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017



F34: Lucianita Moraes - s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2017

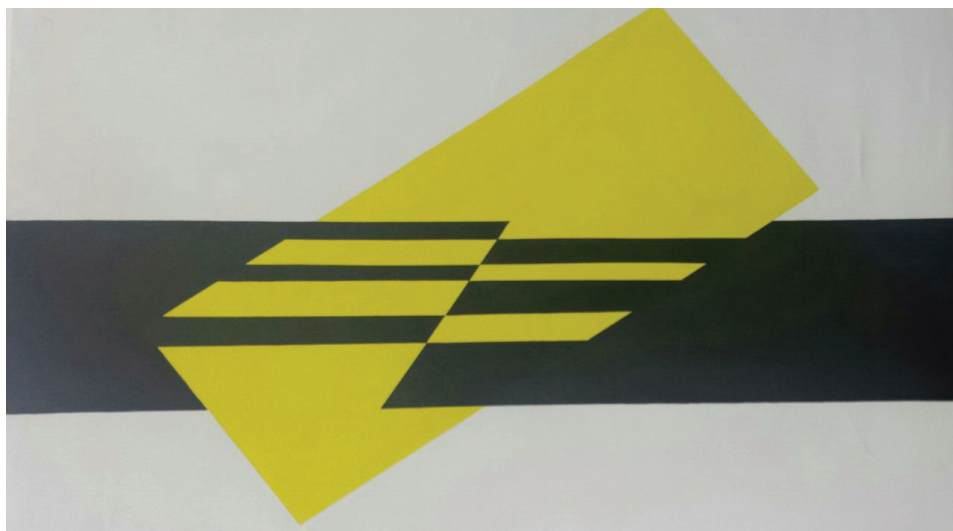
Nesses novos trabalhos, compassos marcados por tempos fortes e fracos formam uma métrica musical de cores e formas na busca por uma composição que expresse uma harmonia possível de ser experimentada pelo espectador. Giulio Carlo Argan fala sobre a significação das cores e formas segundo Kandinsky:

“... uma forma é significante não apenas por possuir, mas por *assumir* um significado, todavia não se torna significante a não ser na consciência que a percebe, da mesma maneira que uma comunicação não é comunicação se não for recebida.” ¹² (Argan, pp. 318).

2.6 UM SOM GEOMÉTRICO – Ateliê IV

O meu processo de construção e pesquisa continuou num compasso marcado por cores, formas e intuição. Transitar por esse universo era mais uma maneira de continuar explorando e descobrindo novas possibilidades pictóricas.

Assim, dando seguimento às buscas imagéticas que os sons me revelavam, as formas geométricas e as cores passaram a ocupar o espaço vazio das telas. (Fig. 35 a 40).



F35: Lucianita Moraes – s/ título -
acrílica sobre tela – BH - 2017

12 ARGAN, Giulio Carlo. A Arte Moderna na Europa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 318.



F36: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017



F37: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017

F38: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017





F39: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017



F40: Lucianita Moraes – s/ título – acrílica sobre tela – BH - 2017

Neste ponto, acredito que a minha busca tenha se aproximado do fazer pictórico do Abstracionismo e do Concretismo. Neles, o que fica evidente são estruturas, planos e conjuntos relacionados, que falam entre si mesmos para materializar, visualmente, conceitos imateriais. Estas relações são exatamente as mesmas que percebo na música, nas formas e nas cores, de maneira mais abstrata. Busco com meu trabalho, importar para o suporte as sensações sonoras que são, em sua origem, invisíveis e impalpáveis. Encontro naquilo que não quer dizer nada, mas é real, uma forma de expressar um som invisível e intocável para torná-lo, de alguma forma, tangível.

Dando seguimento às minhas investigações, neste momento final, mais uma vez, uma guinada nas minhas pesquisas pictóricas aconteceu. Guiada por um rumor empírico, imprimi na tela abstrações geométricas com contornos orgânicos, representadas pelas fig. 41 e 42. Talvez uma tentativa de desconstrução do modelo sólido tenha acontecido.



F41: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017



F41: Lucianita Moraes – s/ título - acrílica sobre tela – BH - 2017

Penso que, os movimentos da arte, com a construção, destruição e nova reconstrução, traduzam a busca incansável por uma receita infalível de como ser um avatar nas Artes Visuais.

3 O FIM DO COMEÇO

Estes apontamentos reverberam um recorte temporal de minha trajetória de vida.

Ao decidir fazer Artes Visuais estava dando um passo em busca da realização de um antigo sonho. A arte, com atenção especial à pintura, sempre exerceu sobre mim um grande fascínio e, assumindo esse desafio, agreguei conhecimento, alegria e prazer.

Passados quatro anos posso seguramente olhar para trás e afirmar que mudei. Hoje, diferentemente daquela amadora do passado, tenho um olhar mais apurado e crítico sobre a arte, principalmente sobre a pintura.

Meu percurso foi permeado por grandes influências, principalmente de professores, pois estando por perto, com sabedoria e paciência, nortearam diretrizes para o meu processo de pesquisa e amadurecimento profissional.

Enquanto escrevo, sinto um nó na garganta porque lembro que a obra pictórica traz a mesma emoção de uma criança vinda à luz e, eu sempre me emociono diante de grandes criações!

A emoção sonora norteou todo meu trabalho. Para mim, é da alma da música que um surpreendente imaginário visual emerge. Ela sempre ocupou grandes espaços da minha vida. Minha memória vem sempre embalada pelos sons. Meus passos nas ruas são contados musicalmente. Uma métrica organiza meus afazeres e os torna exequíveis e prazerosos.

É esta mesma emoção que une pintura e música, que também ativa o meu entusiasmo criador e acena mudanças de direção nas várias interseções surgidas pelo caminho.

Na busca de imagens sonoras sobre a tela, estava trabalhando a ocupação do espaço fisicamente vazio, mas repleto de tensão. Desta maneira então, os sons assumiram conformações visíveis para dar conta ao mundo do meu pensamento refletido naquelas formas, fossem elas realistas ou abstratas.

Entre erros e acertos, as dificuldades foram muitas. Entretanto, em cada batalha vencida o saber foi alimentado, pois também sob as adversidades o conhecimento é construído. Tudo depende da forma com que lidamos com elas.

Finalmente, este momento encerra o fim de um começo no mundo das Artes Visuais. O meu exórdio artístico finaliza para dar lugar a uma nova etapa. Foi um despertar que, moto contínuo, não vai parar. Como fala a música,

“Você verá que é mesmo assim, que a história não tem fim”. Continua sempre que você responde sim à sua imaginação. À arte de sorrir cada vez que o mundo diz não.” (Música Brincar de Viver de Guilherme Arantes/Jon Lucien.)

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. A Arte Moderna na Europa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BONFAND, Alain. A Arte Abstrata. Campinas: SP. Papirus, 1996.

KANDINSKY, Wassily. Do Espiritual na Arte (e na pintura em particular). São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SACKS, Oliver. Alucinações Musicais. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Revista ENTRELIVROS (Seção Norte), junho/2005 (p.26-27) – www.revistaentrelivros.com.br.

